

O RITUAL DE FEITIO DO CHÁ SANTO DAIME NA IGREJA CÉU DE TODOS OS SANTOS

Catarine Elaine de Souza Amaral Guimarães

1 INTRODUÇÃO

Quando me proponho a estudar a Eficácia Simbólica de um dado ritual, estou tomando como pilar o artigo de Lévi-Strauss *A eficácia simbólica*, onde o autor faz uma descrição minuciosa de um ritual específico da tribo Cuna. Os Cuna habitavam à época o território da República do Panamá, o encantamento observado é considerado por Lévi-Strauss um ritual excepcional pois, “as mulheres indígenas da América Central e do Sul dão a luz mais facilmente que aquelas das sociedades ocidentais” (1975, p.216), o objetivo do canto é ajudar no parto difícil.

O conceito de eficácia simbólica, portanto, tornou-se de suma importância para a compreensão da estrutura ritual, isso porque, se remormos o ritual dos Cuna, teremos como perceber os pontos chaves no qual Lévi-Strauss constituiu o seu conceito. O canto se inicia após uma sequência de acontecimentos: a visita ao xamã, a partida deste para a *chola* da partuniense, sua chegada, seus preparativos, (fumigações de favas de cacau queimadas e invocações, limpeza das vestimentas com a intenção de fortalecer o xamã para a futura batalha), confecção de imagens sagradas (*nuchu*), essas imagens esculpidas representam os espíritos protetores que o xamã faz de seus assistentes, “e dos quais toma a direção para conduzi-los a morada de *Muu*, potência responsável pela formação do feto” (p.216).

Para os Cuna, de modo geral, o parto difícil se explica por que *Muu* ultrapassou suas atribuições e se apoderou do *purba* ou alma do útero da futura mãe. *Muu* seriam as ancestrais femininas que impedem a mulher de ter seu filho, havendo uma relação de ancestralidade. O canto consiste na busca do *purba* perdido visto aqui como o próprio símbolo da cura. E isso será conseguido após muitas batalhas e torneios entre o xamã e seus espíritos protetores contra o *Muu*. Vencida, *Muu* deixa descobrir e libertar o *purba* para que o parto aconteça e o canto termina com a enunciação de precauções para que “*Muu* não possa evadir-se após seus visitantes.” (LÉVI-STRAUS, 1975, p.216). Essa breve descrição geral tem a intenção apenas de familiarizarmos-nos com a idéia proposta

por Lévi-Strauss, onde procurarei traçar os paralelos entre o conceito de *Eficácia Simbólica* presente no canto dos Cuna e no feitio do Santo Daime.

Nas palavras de Lévi-Strauss (1975, p.242), “a substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração nem na sintaxe, mas na história que é relatada” e uma das características mais peculiares do Santo Daime é a valorização do conhecimento oral, seja os ensinamentos através dos hinos, ou seja, de ensinamentos que vão sendo passados de fardado para fardado. O feitio proporciona uma integração de fardados de muitas igrejas, ampliando assim a troca de conhecimentos, histórias da doutrina, fatores que sempre têm algo a ensinar e fica gravado para sempre ser lembrado nos outros feitos.

Conforme compreendido por Gilberto Velho (2003, p.52), a noção de eficácia simbólica, por sua vez, baseia-se na capacidade de envolver indivíduos e grupos de uma forma totalizante, portanto, ao analisar as categorias e os valores que se articulam dentro do ritual de feitio, há a necessidade de compreender a linguagem simbólica do ritual, da doutrina. O ritual teria a função de reavivar crenças e perpetuá-las, portanto, cabe refletir, qual o significado do feitio para os seguidores da doutrina e o que este rito pode nos revelar sobre a comunidade estudada e sua estrutura.

O ponto fundamental do presente trabalho é conhecer o significado do feitio para os praticantes da religião, em outras palavras, olhar o outro através da pesquisa etnográfica. Segundo PEIRANO (1995), a pesquisa de campo é procedimento básico da Antropologia, é vista como uma imersão no universo social do cosmológico do *outro*. Conforme BOAS (2004), a natureza das informações se modifica quando o antropólogo vai a campo e passa a viver, ver, estar e estudar as sociedades em presença, articulando-se assim um teatro social.

2 O SANTO DAIME E A IGREJA CÉU DE TODOS OS SANTOS – BREVE APANHADO HISTÓRICO

A religião do Santo Daime foi fundada em meados da década de 1930, no Acre, tendo como fundador o Cabo da Guarda Territorial Raimundo Irineu Serra, chamado pelos adeptos de Mestre Irineu. Nascido em São Vicente Ferré, no Maranhão, era descendente de escravos. Migrou para a Amazônia na época do ciclo da borracha,

trabalhou em seringais e atuou como funcionário do governo. Conforme um fardado da Igreja Céu de Todos os Santos:

O Mestre teve contato com os índios da região e compartilhou da bebida, chamada Yagé [pausa], os índios bebem Yagé. O nome Santo Daime veio depois, com o Mestre. Ao tomar da bebida, teve uma visão com a Virgem Maria que lhe passou as instruções para desenvolvimento da doutrina. (Entrevista com Camila Medeiros).

Conforme OLIVEIRA (2008), Na década de 1940, através de terras concedidas pelo governador do Acre, Irineu Serra construiu uma colônia que passou a ser conhecida como Alto Santo e fundou uma Igreja, o Centro de Iluminação Cristã Universal (CICLU).

quando da sua morte, em 1971, houve varias disputas envolvendo a liderança espiritual e a posse de terras. Em 1974, seu seguidor Sebastião Mota de Melo, se retirou da Colônia Alto Santo, acompanhado por mais de cem pessoas – o que se tornou a sua dissidência mais significativa -, e deu origem à corrente mais influente e com maior número de adeptos no Santo Daime: o CEFLURIS

(Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra).”

(OLIVEIRA, p. 130).

A partir da década de 1980, houve uma expansão do culto fora dos limites da Amazônia, os movimentos de contracultura e movimentos New Age tiveram um papel importante para essa difusão da religião. É somente a partir dessa segmentação entre Alto Santo e CEFLURIS que a religião do Santo Daime foi se expandindo e tomando as bases que hoje possui, assim como adquirindo cada vez mais simbologias e fundamentos rituais.

A Igreja Céu de Todos os Santos, situada na zona rural de Teresina, no bairro Taboca do Pau Ferrado é um sítio onde encontramos pequenas casas particulares, e no centro do espaço localiza-se a Igreja, ou Salão, onde são realizados os trabalhos oficiais do calendário. Na igreja são realizados: cura, concentração, santa missa e bailados; em outra direção encontramos a Fornalha, que se chama Instrução local onde é realizado o cozimento do chá Ayahuasca, considerado o trabalho fundamental para a doutrina.

A fornalha tem esse nome, primeiro em homenagem ao nosso patrono, Lúcio Mortimer, que possui um hinário chamado Instrução. O nome veio em uma passagem nos trabalhos de concentração, para nos mostrar, a todos que buscam o santo daime, a instrução para as suas

vidas. Manter os ensinamentos que o mestre deixou. (Dirigente da Igreja Céu de Todos os Santos – Merimão).

O Céu de Todos os Santos é relativamente uma igreja nova, seus integrantes possuem as mais diversas faixas etárias, assim como é comum a presença de famílias que convivem em comunidade. Conforme Theresa Jaynna, também fardada da igreja, a família é uma peculiaridade na tradição do santo daime, especialmente das igrejas vinculadas à linha da Cefluris, havendo uma atenção maior a estrutura familiar e de comunidade dentro da doutrina.

3 O FEITIO

O trabalho de campo constitui-se de observação participante, entrevista com membros da doutrina, além do acompanhamento do ritual de feitio, considerado entre seus integrantes o ritual mais substancial da doutrina. A fabricação do chá acontece em várias etapas, na igreja do Céu de Todos os Santos tive a oportunidade de acompanhar o V Feitio da Igreja, um trabalho artesanal que exige de todos os membros total atenção.

A primeira etapa é a catação – coleta das folhas e do cipó. É feita uma oração e depois todos saem numa expedição para colher o material: homens de um lado e as mulheres de outro, as mulheres coletam as folhas (*rainha*) e os homens o cipó (*jagube*). Fizeram isso com antecedência de uma semana para saberem quanto de jagube pedir de outro Estado, estavam ajudando ao feitio, feitores do Mato Grosso e de Tocantins, o feitor que acompanhou o V Feitio da Igreja foi Senhor Vaides, da Igreja Céu do Cerrado (TO). Logo, foi um feitio considerado por seus integrantes como “de já muito abençoado”, pois tiveram a ajuda de outra Igreja para conseguir mais Jagube – doação do Senhor Sérgio, do Mato Grosso - já que o que se tinha na comunidade observada era ainda muito novo. Todo o trabalho é sempre sob efeito da ayahuasca e cantando-se os hinos. O Jagube é cortado em pedaços iguais e ensacado.

As atividades são bem divididas entre homens e mulheres. Enquanto os homens cuidam do cipó, as mulheres cuidam das folhas. As folhas são levadas para o centro do Salão, colocadas sobre uma lona para que não suje a Igreja, as mulheres sentam-se próximas para limpar as folhas, utilizando-se o máximo da folha, para não desperdiçar nada, afinal, é sagrado cada parte da planta. A mulher menstruada não pode trabalhar com as folhas, isso por causa da *contaminação*, pois na medicina da floresta, os índios

consideram que tudo o que sai do corpo é visto como uma limpeza, seja suor, vômitos, e no caso da mulher, o sangue menstrual visto como um sangue que está cheio de impurezas e nesse período a mulher está passando por uma limpeza. Conforme Mary Douglas (1976, p.20) coisas sagradas e lugares sagrados devem ser protegidos a profanação. Santidade e pureza estão em pólos opostos.

A respeito das mulheres em dias de menstruação,

não podem participar da limpeza das folhas, isso porque na medicina indígena, tudo o que sai do corpo é considerado uma limpeza, logo a menstruação está retirando as impurezas do corpo da mulher.
(Explicação de Drica Veras)

Os homens cortam o jagube em pedaços de aproximadamente 30 cm para facilitar o outro processo chamado de bateção, que acontece no espaço chamado de *casa de feitio* já bem próximo da fonalha. A casa de feitio é composta por dois espaços: a *fornalha* chamada *Instrução* – possui esse nome em homenagem a um padrinho da doutrina chamado Lúcio Mortimer, sendo seu hinário sempre cantado nas aberturas dos feitios da Igreja; e o espaço da *bateção*, composto por 12 tocos de madeira em duas fileiras, seis cada uma, onde os homens batem o jagube, acompanhando todos o mesmo ritmo e cantando-se os hinos. Conforme um adepto da doutrina, a bateção tem que ser sempre ritmada que é para o jagube pegar a *força da cura* contida nos hinos.



Dos entrevistados durante do feitio sobre o momento da bateção, Daniel Mapurunga considera o um trabalho masculino, que envolve toda a força masculina, mas que não é só bater o jagube pela força, mas com cuidado porque tudo que se pensa

durante a bateção irá fazer parte do jagube. Daniel lembra uma história contada entre os daimistas onde Nossa Senhora da Conceição perguntou ao Mestre Irineu: “o que você quer colocar no daime? Amor?” e Mestre Irineu pensou e disse “Não. Quero colocar tudo que é bom, para que todos que busquem a bebida encontrem suas respostas”. Então Daniel considera que é importante pensar tudo o que se deseja colocar no daime durante a bateção, pois é o momento em que está sendo feito o sacramento que será o guia de todos os futuros trabalho, por isso tem que saber o que está fazendo. Diógenes Macêdo também falando sobre o feitio, percebe-o como um momento de concentração e resguardo para que a bebida que está sendo feita seja consagrada:

Todos os irmãos – homens e mulheres – cada um fazendo seu trabalho com um só objetivo que é Deus presente na bebida. É um trabalho coletivo e de muita provação. [pausa] Tem até uma história interna dos daimistas que diz que em período de feitio, ou a pessoa se farda ou se desfarda, pois é um período de trabalho pessoal e coletivo. É também quando a gente tem mais contato e convivência com os outros irmãos, podemos nos conhecer mais, trocar experiências. [respiração profunda seguido de silêncio]...Aprender. (Diógenes Macêdo).

Quando o jagube já está macerado é colocado em sacos grandes e é através do peso que sabem a quantidade de água e folha necessárias para fazer o Daime.



A separação de gêneros ficou visível quando um adepto tentou ajudar as mulheres na colheita das folhas e foi rejeitado, como durante o feitio nenhum conflito deve existir, logo resolveram a situação e o rapaz foi direcionado para a Casa de Feitio para ajudar na bateção do Jagube. As folhas são lavadas e trazidas para a Casa do Feitio.

Do outro lado da bateção está a bancada onde o Daime escorre e a fomalha, onde são colocadas as panelas com camadas de cipó, folha e água.

Quando o daime está sendo cozido este é um processo que exige total atenção do feitor para que o ponto do daime não seja perdido. É o feitor que sabe pelo cheiro, pelas borbulhas, pelo som que o daime faz quando está na panela quando está no ponto. (Paulino Neto – ajudante do feitor durante este feitio, se mantendo sempre nas proximidades das panelas, também observando o cozimento).

Quando está no ponto, o feitor dá sinal para a panela ser retirada fomalha batendo três vezes o gambito (tridente de madeira) em saudação ao Sol, a Lua e as Estrelas. Essas três batidas constitui uma invocação desses símbolos para estarem presentes com suas respectivas forças e energias na bebida que está sendo preparada. Essa é uma relação com a ação simbólica descrita por BOAS (2004, p. 319), que ao estudar os índios do pacífico norte admite “também são empregados ações simbólicas como, por exemplo, erguer varas de oração que transmitem os desejos humanos aos poderes”, eis que quando o feitor bate com o gambito três vezes, é uma exaltação aos símbolos do Sol, Lua e Estrela, constituindo assim uma ação que contém em si uma significação importante para o ritual. O Daime é então escorrido por uma caneleta para depois ser armazenado e coado.



O V Feitio da Igreja Céu de Todos os Santos então, oficialmente, na primeira semana de Junho de 2011 – 1º a 5 de Junho , sendo o primeiro feitio do ano. A abertura do feitio se deu as três da madrugada de quinta para sexta, onde começa a 1º bateção.

Pela manhã, muitos foram descansar, fica um revezamento entre os homens que acompanharão o processo de cozimento, até o chá ficar bastante concentrado. Durante o feitio pede-se que seja mantida a harmonia entre os integrantes para que tudo ocorra bem, em outras palavras, é necessário que o indivíduo assuma uma postura evidente para o bom encaminhamento do ritual. Permite-nos dialogar com Viveiros de Castro Cavalcanti, “*ser espírita* corresponde a uma participação em um sistema de crenças e cosmologia complexas e na elaboração de uma identidade amarrada a uma escala de valores específica e densa” (VELHO, 2003, p.55). Não são apenas os indivíduos que precisam corresponder a uma postura, mas a própria postura do grupo como um todo complexo precisa está harmônico, e para os adeptos, é um período de muitas provações, especialmente para o dirigente da Igreja, Manoel da Silva, conhecido como Merimão, que as vésperas de todo feitio sempre passa por momentos muito difíceis em sua vida particular, significando para eles uma *provação* a ser vencida e o feitio não fique comprometido. À noite, todos se preparam para o trabalho de *Boca de Fornalha*, como chamam, os homens continuam no processo de cozimento do chá, e inicia-se o trabalho cantando-se o hinário escolhido pelo feitor ou dirigente, no caso da Igreja Céu de Todos os Santos o hinário de abertura de todos os seus rituais de feitio é a Instrução do Padrinho Lúcio Mortimer. O daime ingerido é o mesmo daime que está sendo feito, ainda quente. Durante o V Feitio os hinários cantados nos outros dias foram O Livrinho do Apocalipse do Padrinho Valdete e Nova Era do Padrinho Alfredo, havendo o encerramento oficial do feitio. Entretanto o feitio só encerra quando se tira o ultimo apurado do chá, que é mais concentrado, chamado de *Daime-mel*. E na manhã seguinte ao encerramento do feitio, muitos integrantes da religião voltam a Igreja para ajudar a arrumar e organizar o ambiente, lavagem das panelas, limpeza do salão, armazenamento do sacramento.

4 EFICÁCIA RITUAL

O feitio do chá do Santo Daime é um conjunto de rituais, que incluem a separação de gênero, através da distinção das tarefas a ser realizado por homens e mulheres, o momento da catação e limpeza das folhas pelas mulheres, a bateção pelos homens, o processo de fervura do chá acompanhado pelo feitor, o trabalho de fornalha e englobando todos esses micro-rituais presentes no ritual maior que é o feitio, a relação entre o indivíduo e a comunidade, sendo um trabalho social, pois exige de seus adeptos uma postura de união.

Com base em Lévi-Strauss a separação entre homens e mulheres está ligada a visão de que a mulher está mais ligada à natureza e o homem à dominação desta natureza, ou seja o ato de ser o homem a bater o cipó e fazer o chá pode ser interpretado como a dominação da natureza para transformar-se em cultura. A catação das folhas e do jagube sob o efeito da bebida tem a função de fazer os integrantes sentir a presença da natureza, ter esse contato com o espírito da planta e já ir entrando em concentração. Essa esfera é criada como uma manipulação da intenção do ritual, onde os adeptos começam a sentir mais fortemente o momento do ritual e seu objetivo, “vai-se passar da realidade mais banal ao mito” (LEVI-STRAUS, 1975, p.223). Assim como no ritual dos Cuna quando o canto vai tornando-se cada vez mais ofegante, para causar na doente a sensação de que não há distinção entre o mítico e o fisiológico, o mesmo ocorre quando se inicia o trabalho de bateção nas madrugadas, os participantes sentem a vibração do jagube e da rainha se transformando, a alquimia começou! Todos que estão ali no espaço sagrado, já estão conectados com o feitio, o feitor, e toda a comunidade.

Esse momento é também, microcosmicamente falando, a união dos três tipos de ritos de passagem denominados por Van Gennep de ritos pré-liminares ou de separação, ritos liminares e ritos de agregação, de forma ousada e ampliando o conceito de Van Gennep, podemos notar no macro-ritual do feitio a presença dessas três passagens: a separação, onde os integrantes estão saindo de suas vidas cotidianas para passar dias em um trabalho espiritual, saindo do estado anterior para o de liminaridade, estado em que o integrante vai sintonizando-se com a estrutura ritual, interno e externamente. E por fim o rito de agregação, que marca o início do ritual propriamente, e o integrante já está totalmente doado aos dias de feitura do chá, e vivenciando profundamente as experiências destes momentos.

Os hinos cantados são representações de força que enviam boas vibrações ao chá que está sendo feito, é pelos hinos que o chá do Santo Daime terá a *força da cura*. Esta é a maior representação da *Eficácia Simbólica* do ritual:

pois um chá pode ser feito em uma panela numa cozinha por alguma pessoa, ele terá efeitos químicos, mas não irá possuir os ensinamentos contidos no Daime feito durante um feitio. (Adriano Sérgio)

Porque é no processo de feitio do Daime que se concentra toda intenção do grupo (coletividade), com a força pessoal (indivíduo) e a vibração emanada dos hinos que se terá o Daime com luz e conhecimento. Isso pode ser analisado através de

GEERTZ (1978), quando este diz que os símbolos dramatizados podem trazer consigo significações que serão interiorizadas por aqueles que acreditam. Isto é, os significados só podem ser armazenados através de símbolos.

Podemos ainda nos embasar em LEVI-STRAUSS (1975, p. 222), quando afirma que a linguagem se torna muito importante, onde através da linguagem o xamã desbloqueia o doente, “é uma relação de símbolo à coisa significada, ou, para empregar o vocabulário dos lingüistas, de significante a significado” (p.228). O mito é então recriado pelo sujeito no momento em que incia-se o feito e especificamente trabalho na *Boca da Fornalha* onde a teatralização do ritual assume um função simbólica sagrada. Segundo ROCHA (1985), é a eficácia do mito e não a verdade que ele exprime que deve ser o critério para pensa-lo. Pensar o mito deve ser compreender sua efetividade na condução tento do pensamento como do comportamento do indivíduo.

A eficácia simbólica encontrada no Feitio do Santo Daime pode ser entendida como uma espécie de energização, onde tudo os atos, cantos, orações e pensamentos devem ser direcionados, para que o chá consiga absorver os bons fluidos que serão repassados para aqueles que irão ingeri-lo. O que LEVI-STRAUSS (1975, p. 233) entende ser uma propriedade indutora interligada de forma homologa que é constituída de diferentes matérias, sejam elas orgânicas ou psíquicas.

5 CONCLUSÃO

O que posso destacar neste trabalho de campo, a principio foi à dificuldade em realizar esta observação, pois o ritual de feitio do chá do Santo Daime é realizado poucas vezes ao ano, e, portanto limitando a oportunidade de observá-lo. Mas deixando as dificuldades, o que foi visto pode ser entendido com um processo de ritualizações objetivando uma eficácia, onde a harmonia é fundamental, como também a crença no chá, nos ingredientes do qual ele é feito, nos hinos, nas orações, o que se observa é uma diversidade de ritos dentro de um rito maior, um trabalho que é feito minuciosamente, exigindo de todos muita atenção nos pensamentos, nas ações. Neste feitio foi cantado um hino que acredito ser a representação do sentido da *Eficácia Simbólica*, O feitio está aberto hino da fardada Daniela Leal do Céu do Cerrado (TO):



É na força da cura
É na força da cura
Que eu vou me firmar
O feitio está aberto
Meus irmãos vamos trabalhar

É a força do Mestre
Meu Juramidam
Que vai me guiar
Limpar a mentalidade
Para poder enxergar

O brilho de Mamãe
A força de Papai
Vai se manifestar
Meus irmãos tenham cuidado
Pro Daime não macular

O feitio do chá é cheio de ritualizações que tem como objetivo dar força ao chá para que este tenha contido em si toda força de cura necessária aos trabalhos oficiais da religião. Como nas palavras de Camila Medeiros, fardada da Igreja, o feitio significa um dos rituais mais importantes da doutrina onde é importante que toda a comunidade esteja unida, deixando as brigas e diferenças de lado mantendo amor e união, pois tudo o que se sente durante o feitio vai para o daime, inclusive pergunta “não queremos que as coisas ruins estejam no Daime, certo?”.

O significado do feitio assume então muitas significações para cada participante, para uns é motivo de muita alegria, para outros um momento de silêncio e reflexão, entretanto, é unânime, é um período de união entre todos que participam em prol de fazerem o sacramento, limpo, puro e contendo todos os ensinamentos deixados pelo próprio Mestre Irineu. Enfim, muitos são os símbolos presentes no ritual de feitio, sendo necessária observações mais detalhistas, encerro inclusive este trabalho com um ditado conhecido e exaltado entre os daimistas “o Santo Daimé é um estudo fino”, de fato,

quanto mais se aprofunda nos símbolos, mais se aparecem significados, histórias da memória da doutrina deixados como ensinamentos. Neste ritual, assim que sentei em minha cadeira, uma fardada chegou e disse-me: “Padrinho Alfredo sempre nos lembra que precisamos aprender a ouvir o feitio, ouvir o som da fervura, pois o som do feitio tem muito o que nos dizer”, e afirmo, que foi essencial ouvir o som do feitio, as histórias e mitos da religião, para o desenvolvimento deste trabalho, pois percebi que o santo daime é ensinado oralmente, como no caso, o ensinamento que recebi da fardada, que recebeu do Padrinho Alfredo...e assim sucessivamente.

6. REFERÊNCIAS

BOAS, F. A religião dos índios americanos. In. SOTCKING J.(org.). A formação da antropologia Americana (1883-1911): Antologia. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUFRJ. 2004, p. 311-332.

DOGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, Cap. 1, 4 e 9.

GEERTZ, Clifford. Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, Cap. 5.

GENNEP, Arnold van. Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Editora Vozes LTDA, Petrópolis, 1977.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia; A eficácia simbólica. In: Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. Santo Daime: o professor dos professores: a transmissão do conhecimento através dos hinos. Tese (Doutorado em Sociologia). UFCE, Fortaleza, 2008.

PEIRANO, Maria. A favor da etnografia. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

ROCHA, Everardo. O que é mito. Ed. Brasiliense. Rio de Janeiro, 1985.

VELHO, Gilberto. Indivíduo e religião na cultura brasileira: Sistemas cognitivos e sistemas de crenças. In.: Antropologia das sociedades complexas. 3.ed. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2003. p. 49-62.